

## Suíte e Fuga

*letra a letra, o som de uma arcaica máquina de morte. Som quase íntimo: constrói um invólucro, o vazio que há nele. Não conseguiremos emendar a sua transparência. Respira-mo-la:*

*:*

*e as palavras surgem,  
peças minúsculas, umas ao lado das outras,  
coesas até à imprecação.*

*:*

*Como escrevia Heraclito? onde? nas margens de que rio?  
nas praias de que mar? no alpendre de que casa? na sombra  
de que parreira? de que pinheiro? ou não escrevia? falava  
ao ouvido do adolescente sentado na caruma, enquanto lhe  
passava a mão pelo cabelo e as formigas lhe subiam pelo  
branco da túnica?*

*Por momentos, Heraclito calava-se.*

*Hoje, perguntamo-nos o que é, o que era, esse silêncio.*

*E enchemo-lo de palavras.*

*O adolescente, porém, só ouvia o zumbido das vespas e o  
movimento da mão a afugentar uma mosca.*

*(O Ilissos, muito mais tarde. Um outro início?)*

:

*Numa sala qualquer, num anfiteatro, as palavras, como as moscas, continuam a apoquentar os lábios)*

1.

O sinal: um corvo a saltitar no terreiro ocre.

Um dia, ele perguntou: foi assim?

— lembras-te?

(a nitidez do que é primeiro)

— que disse eu?

— ainda não falavas.

Amarra-me, esse início. Para não me perder. Diz que o sítio é o mesmo. Só não há o corvo. Que tornava, com os seus saltos, o terreiro intermitente. A cor de barro repelia-o. Mas ele, obstinado, voltava a pousar. Movimento incerto. Ou melhor. A persistência do incerto.

:

A mulher que te tinha ao colo estava vestida de preto. Era uma voz que vinha da intimidade desse luto. Acolhia-te, com a certeza inquietante de um regresso.

*Há um gesto escondido em algumas palavras, um massacre na estridência de um braço estendido: Heil, Heil, Heil: exasperação da parte mais brutal do corpo.*

:

*a sombra da mão deixou cair no sulco outra sombra.*

*Que germinou*

*quando Sócrates passeava nas margens do Ilissos, via no fundo do ribeiro os seixos cobertos de limo ralo, um peixe em movimentos curvos entre as pedras:*

*a água povoara-se da sua transparência*

:

*e Heraclito?*

*Regressara à sua casa. Desapercebido de todas as vozes que o explicavam:*

*um silêncio sobrevivente de muitas guerras.*

2.

subo a escada, degrau a degrau, o meu corpo invade-me, é um desconhecido, ou torna-se. E tem a pobreza de um único nome: pulsação. No patamar, a criança olha-me. O corpo dela está cheio de nomes. É. Todos os nomes.

:

A cada passo, a instabilidade. Não a vertigem, mas um peso mal distribuído. Incómodo.

— o que é?

sorriso

— estás velho,

(o tempo reduz-nos a uma palavra)

— não consegues subir?

As minhas mãos suam: pegajosos, os dedos. O verão ilumina a escada de pedra, esta escalada. A luminosa obscuridade da cal. Na pele.

3.

a vida é um fragmento:

as histórias, as longas frases, avançam e concentram. Anunciam o fim. A insanidade da crença.

De joelhos, o homem implora:

um monte de esterco, essa prece.

Rodeia-o, o frio do que é nítido.

Sentada à secretária, a criança desenha:  
a aridez ininterrupta de um risco atravessa a folha.

:

Um homem obediente, com um pé à frente do outro, é um boneco suspenso na sua passada. Um pássaro de asas abertas, no branco do papel, são dois traços que formam um ângulo obtuso. Duas janelas, uma porta, um telhado, uma chaminé de onde sai o fumo, é uma casa, todas as casas. As crianças domesticam o mundo, são eficientes a desenhar a morte. Essa caricatura sai-lhes tão natural do lápis, da caneta, do pincel, flui com a clareza de um risco, e afasta-se até se tornar um espantalho. As linhas não oscilam, petrificam-se num esboço. Das mãos, desprende-se-lhes uma ruína completa. Acabada. Um lugar devoluto. Uma simplificação.

*O homem que o miúdo desenha,  
a língua entre os dentes, a cabeça a rasar o papel,  
ou já perdeu ou ainda não tem um nome.  
É o oco de um homem. De um nome.  
Oco é a sua humanidade, a sua definição.  
Ao anoitecer, estará completo.  
E abandonado.*

4.

Saía de casa, aos pulos. Uma alegria extrema, extenuada, ao separar-se da terra, ao lançar-se para cima, braços abertos, mãos abertas, camisa aberta, o ar a passar-lhe por entre os dedos. Havia a grande ausência de morte que é a falta de peso. Corria. Sem saber para onde. De súbito, parava.

(os mestres não estabelecem metas: apagam-nas.  
Os mestres estabelecem mortes.)

*Há sempre uma parede no início. Não a vemos. Mas estamos encostados a ela. É a mão que nos ampara. Que nos empurra? Tem cuidado: gritam-lhe*

:

*A imprevisibilidade de uma derrocada. O pai dizia-lhe: uma ameaça. Uma parede não acolhe, obriga-te a encostar os braços ao corpo, a encurvar os ombros, a unir os joelhos, a fechar a boca, contrai-te, encolhe-te, é, a iminência de um fuzilamento, por ela resvala um corpo, até se acumular no chão, no empedrado, no cimento ou na terra batida, às vezes na erva ou na relva, um monte de roupa suja na luz da manhã.*

*De uma parede, afasta-te*

5.

a parede tem a mesma cor da mesa-de-cabeceira, o mesmo brilho espesso da tinta. De vez em quando, entra uma criança, fica sentada ao lado da cama, gosta de agarrar na mão do velho, de a levantar da dobra do lençol, e de a deixar cair como um peso morto. Há um dia da semana em que aparece um padre. É novo. E quer toda a gente feliz. Não está mais ninguém no quarto, mas ele volta-se para a esquerda e para a direita, a sorrir, fazendo pequenas vénias.

Um cheiro a água-de-colónia espalha-se no ar.

O velho sentado na cama puxa o lençol para cima e tapa a cabeça. O padre pergunta-lhe: então, não me quer ver?

— Vá à merda.

A criança levanta-se e sai.

:

*— um homem a morrer, uma cabra a ser levada para o matadouro, um peixe sufocado pelo ar, não são mais do que restos, estão para ali, meio-bichos meio-coisas, sem ponta*